

ACM admite disputar Presidência em 2002

Convenção do PFL confirma lançamento de candidatura própria para sucessão de FHC e presidente do Senado diz pela primeira vez que, se partido determinar, pode aceitar missão

LIÊGE ALBUQUERQUE

BRASÍLIA - O presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), admitiu ontem, pela primeira vez, disputar a sucessão ao presidente Fernando Henrique Cardoso, em 2002, se seu partido assim determinar. Em convenção nacional encerrada pela manhã, o PFL anunciou o lançamento de candidatura própria para as próximas eleições presidenciais, cuja chapa será formalizada apenas durante convenção que o partido realizará em maio de 2002. "Pode-se achar prematuro apontar qual será o candidato; não sou, mas, se for vontade das bases, vamos ver", afirmou o presidente do Senado. "Nunca me faltará coragem para estar ao lado do povo e do partido."

Depois de dois dias de discussão, o PFL decidiu reconduzir à presidência do partido o senador Jorge Bornhausen (SC). O deputado Manoel Castro (BA) foi eleito secretário-geral, em substituição ao ministro da Previdência, Waldeck Ornêlas. Embora condicione sua candidatura à Presidência a "presenças da base", ACM marcou presença na convenção do partido com um discurso típico de candidato.

O senador baiano não poupou Fernando Henrique e fez uma crítica severa à atuação do presidente em relação ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), que continua patrocinando invasões pelo interior do País. "Toda vez que se cede à demagogia, cheira à falta de autoridade", afirmou ACM, cobrando firmeza

do presidente. "Temos de ter diálogos com o MST, mas sem deixar que prejudique as terras produtivas do País ou não se obedeça às ordens judiciais", acrescentou, referindo-se ao fato de um grupo do MST em Betim (MG) ter-se recusado a sair de um terreno invadido, mesmo após ter ganhado o direito de ir para outra área.

Solidário - O líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), chegou a defender abertamente a candidatura de ACM para a Presidência. "Se a eleição para presidente fosse hoje, Antonio Carlos Magalhães venceria", disse. De acordo com ele, o partido não está "fugindo" do governo ao manter uma posição de independência. "Somos solidários e não vamos abdicar da fidelidade, mas o PFL tem o direito e a obrigação de buscar o poder em 2002."

O encerramento da convenção do PFL, principal partido da base de sustentação ao governo, foi prestigiado por políticos tucanos. Estiveram no evento o ministro das Comunicações e articulador político do governo, Pimenta da Veiga; o ministro da Saúde, José Serra, e o líder do governo na Câmara, Arnaldo Madeira (SP). Ser-

ra chegou a fazer parte da mesa principal, sentando-se ao lado esquerdo de ACM. Sorridente, o ministro tucano - que eventualmente troca farpas com o senador baiano - ouviu calado o elogio do presidente do Senado. "Pode-se divergir do Serra, mas não se nega seriedade e competência", afirmou ACM.

Os políticos tucanos, no entanto, fizeram questão de frisar que o lançamento de uma candidatura própria do PFL - a maior bancada na Câmara e a segunda maior

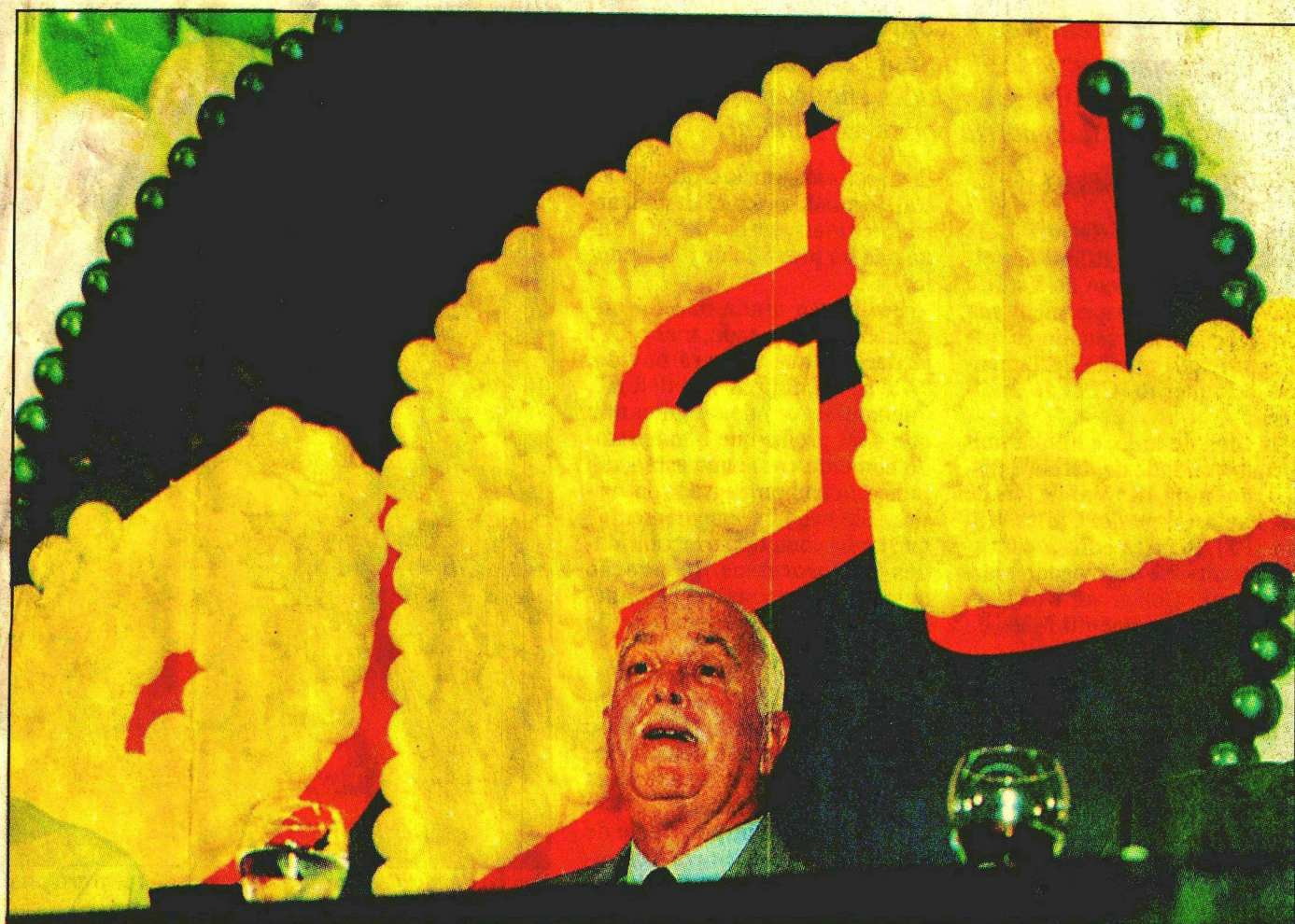
no Senado - não assusta o PSDB. "É natural que se fale de candidatura própria, mas ganhará quem apresentar a melhor proposta", afirmou Pimenta.

**DISCURSO
NÃO POUPA
FERNANDO
HENRIQUE**

O ministro foi lacônico ao comentar uma eventual quebra da aliança que sustenta o segundo mandato de Fernando Henrique, já que outros partidos aliados seguirão o mesmo caminho da candidatura própria. "Nenhuma aliança é eterna", observou.

Profecia - O presidente do Se-

nado também evitou garantir a sobrevivência da aliança governista até 2002. Indagado se a coligação duraria até o fim do governo, ACM disse que "o ideal" é que sim. "Mas quando há disputas sucessórias, outros interesses se interpõem e não se pode fazer profecia sobre continuidade de aliança", analisou o senador. Segundo ele, o PFL deve manter uma posição de independência dentro da aliança. "Temos deveres com o presidente Fernando Henrique Cardoso e o governo, mas Fernando Henrique e seu governo também têm deveres com o PFL", argumentou. "Aliança não é subserviência e quem comanda o partido é só o Bornhausen."



O presidente do Senado discursa durante a convenção pefelista: "Não sou, mas, se for vontade das bases, vamos ver"